

## **“E Mostrar para quem quiser ver, um lugar pra viver sem chorar”: atuação voluntária durante a calamidade no Rio Grande do Sul**

*“And show to those who want to see, a place to live without crying”: voluntary action during the calamity in Rio Grande do Sul*

### **Jacinta Sidegum Renner**

Universidade Feevale  
Rio Grande do Sul, Brasil  
jacinta@feevale.br  
<https://orcid.org/0000-0002-9904-4710>

### **Tcheice Laís Zwirtes**

Universidade Feevale  
Rio Grande do Sul, Brasil  
tcheice.zwirtes@feevale.br  
<https://orcid.org/0000-0001-8980-570X>

### **Michele Barth**

Universidade Feevale  
Rio Grande do Sul, Brasil  
mibarth@feevale.br  
<https://orcid.org/0000-0001-8066-5712>

### **Claudia Schemes**

Universidade Feevale  
Rio Grande do Sul, Brasil  
claudias@feevale.br  
<https://orcid.org/0000-0001-8170-9684>

### **Milena Morgana Klein**

Universidade Feevale  
Rio Grande do Sul, Brasil  
kmilena401@gmail.com  
<https://orcid.org/0009-0002-5407-6572>

*Recebido em: 14 de março de 2025*

*Aceito em: 08 de junho de 2025*

## Resumo

Neste relato de experiência, integrantes do Grupo de Pesquisa em Design e do Projeto de Extensão Qualidade de Vida para Pessoas com Deficiência, apresentam as suas percepções e vivências enquanto voluntários durante a calamidade provocada pelas enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. O relato se refere aos 20 dias iniciais da tragédia, quando todas as ações realizadas tinham o caráter de extrema urgência, no intuito de salvar vidas e de dar suporte emocional e proporcionar o mínimo de dignidade humana neste processo de sobrevivência. O objetivo esteve focado em compreender as percepções dos abrigados e dos voluntários que atuaram neste período de calamidade. Os resultados indicaram que uma calamidade de proporções gigantescas como esta, a tristeza, as perdas e a luta pela sobrevivência, com o mínimo de dignidade, foi o que moveu milhares de voluntários. Todas as ações realizadas, desde a separação de roupas em kits para doação, até o suporte emocional enquanto simples ouvintes dos relatos dos desabrigados, foi de extrema relevância para a saúde emocional e mental. A aprendizagem dos voluntários com relação à necessidade de resiliência e de adaptação a uma realidade inusitada foi muito importante, uma vez que não havia planejamento prévio. Dessa forma, dadas as circunstâncias, entende-se que as ações realizadas de forma intuitiva e emergencial foram efetivas.

**Palavras-chave:** Calamidade pública; Rio Grande do Sul; Voluntariado; Resiliência.

## Abstract

In this experience report, members of the Design Research Group and the Quality of Life Extension Project for People with Disabilities present their perceptions and experiences as volunteers during the calamity caused by the May 2024 floods in Rio Grande do Sul. The report refers to the first 20 days of the tragedy, when all actions taken were of an extremely urgent nature, with the aim of saving lives and providing emotional support and providing a minimum of human dignity in this survival process. The objective was focused on understanding the perceptions of the sheltered people and the volunteers who worked during this period of calamity. The results indicated that a calamity of gigantic proportions such as this, sadness, losses and the fight for survival, with a minimum of dignity, were what moved thousands of volunteers. All the actions carried out, from separating clothes into kits for donation, to the emotional support as simple listeners of the stories of the homeless, were extremely important for emotional and mental health. The volunteers' learning about the need for resilience and adaptation to an unusual reality was very important, since there was no prior planning. Therefore, given the circumstances, it is understood that the actions carried out intuitively and as an emergency were effective.

**Keywords:** Public calamity; Rio Grande do Sul; Volunteering; Resilience.

## Introdução

“Ver os campos florindo e crianças sorrindo felizes a cantar; E mostrar para quem quiser ver um lugar pra viver sem chorar. É o meu Rio Grande do Sul, céu, sol, sul, terra e cor; Onde tudo que se planta cresce; E o que mais floresce é o amor.” (Teixeira, 1978). Iniciamos nosso relato com um trecho de um dos maiores clássicos da música gaúcha, composta por Jader Moreci Teixeira (conhecido como Leonardo) em meados de 1978. Essa música sempre retratou de forma contundente o sentimento dos gaúchos pelo seu Estado. Porém, nos primeiros dias do mês de maio de 2024, este sentimento foi profundamente abalado. Grande parte do nosso Estado já não tinha mais campos florindo. Cidades e lavouras totalmente marrons por água e lama. Crianças e adultos chorando por tantas perdas. O Rio Grande do Sul (RS) foi tomado por um céu cinza, chuvoso, descolorido. Era crescente o medo e a tristeza pelo que se perdeu e pelo que ainda estava por vir.

Esse período ficará para sempre gravado na memória de milhares de gaúchos, como o mês em que ocorreu o maior desastre natural da história do Estado. Cidades inteiras foram dizimadas, ruas deixaram de existir e casas foram levadas como folhas pela força das águas. Pessoas e animais se abrigaram nos telhados enquanto esperavam socorro, alguns conseguiram enquanto outros... não deu tempo de o socorro chegar, foram levados pela correnteza, assim como seus lares e tudo o que lhes havia restado na construção de uma vida inteira.

Durante as últimas décadas, tem-se falado sobre a importância de um olhar mais atento às questões climáticas, sobre a necessidade de implementação de medidas que diminuam os efeitos do aquecimento global sobre o nosso planeta. De acordo com o Relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Organização das Nações Unidas, 2023), os extremos climáticos têm alcançado novos patamares, advindos, em parte, das dificuldades para a diminuição dos gases de efeito estufa, entre outras tantas causas dos desastres iminentes que estão previstos.

O olhar da sociedade para essa temática ocorre de fato, quando a tragédia é anunciada ou após ter ocorrido, foi o que aconteceu no RS, visto que não houve planos de contingência. De acordo com a Confederação Nacional dos Municípios (CNM,

2024), na ocasião foram mais de 105 mil unidades habitacionais atingidas, desalojando 644 mil pessoas e desabrigando 91,5 mil habitantes. A população se uniu voluntariamente, fazendo o que era possível diante da necessidade de resgates, alimentação, acolhimento, entre outros tantos aspectos. Mais de 800 abrigos foram necessários para promover o acolhimento das famílias atingidas, sendo que a maioria estava concentrada nas cidades de Canoas, Porto Alegre, São Leopoldo, Guaíba e Novo Hamburgo (Chagas *et al.*, 2024). Neste sentido, foi importante o olhar a partir das lentes da resiliência.

Considerando que, a partir das proporções dessa calamidade nunca vista no Estado, observa-se a importância de uma análise aprofundada sobre os processos implementados nesse momento, quer seja por meio da sociedade civil, que muito se mobilizou, ou pelas ações do poder público, para assim, formular estratégias de atuação preventivas. Com base nestes pressupostos, o objetivo deste estudo está focado em descrever as experiências de atuação voluntária dos integrantes de um grupo de pesquisa e de extensão de uma universidade do RS, em abrigos da cidade de Novo Hamburgo, durante as enchentes ocorridas em maio de 2024.

## **Materiais e Métodos**

Este estudo é de natureza aplicada, de caráter observacional e descritivo. Quanto aos procedimentos técnicos, configura-se como um relato de experiência de cunho qualitativo. Mussi, Flores e Almeida (2021) apontam que o relato de experiência é uma exteriorização das vivências advindas do saber escolarizado e, também, das experiências socioculturais. Dessa forma, as experiências descritas neste relato, advém da atuação voluntária dos autores do estudo em diferentes locais que acolheram pessoas desabrigadas em função das enchentes de maio de 2024, no RS. Os instrumentos para a coleta de dados foram a observação participante, o diário de campo e registros fotográficos realizados nos locais que acolheram pessoas desabrigadas.

O campo de estudo foi a cidade de Novo Hamburgo, onde foram disponibilizados mais 20 abrigos, localizados em ginásios esportivos de instituições de ensino privadas e públicas e/ou salões de festas de associações e igrejas. A atuação

voluntária do grupo de pesquisa e de extensão ocorreu em cinco abrigos: Universidade Feevale, FENAC – Feira Nacional do Calçado, SESI- Serviço Social da Indústria, Escola Sinodal da Paz e Paróquia Nossa Senhora das Graças.

Foram realizadas oito visitas em momentos diferentes da calamidade, considerando os primeiros dois dias até o vigésimo quinto dia após o início das chuvas torrenciais. As atividades realizadas consistiram em auxiliar no que fosse considerado de maior urgência, incluindo: separação de roupas; agrupamento de roupas em kits conforme tamanhos, gêneros e tipos (inverno, verão); apoio para pessoas com deficiência (público-alvo das pesquisas do Grupo de Pesquisa em Design e do projeto de Extensão: Qualidade de Vida para Pessoas com Deficiência). Além disso, foram realizados encaminhamentos para profissionais como fisioterapeutas, terapeutas de família, psicólogos, entre outros; atividades recreativas junto às crianças desabrigadas; entre outras tantas ações que foram sendo adaptadas de acordo com a demanda, que mudava a todo instante.

Os resultados serão abordados com base na percepção das pesquisadoras e recortes do diário de campo. A análise e discussão dos dados ocorreu por meio da categorização e triangulação. A categorização de dados abarca a conexão de relatos convergentes entre si (Minayo, 2014). Segundo Minayo *et al.* (2005), a avaliação por triangulação de métodos pode ser compreendida como uma dinâmica de trabalho e de investigação que faz a integração da análise das estruturas, processos e resultados; da visão dos envolvidos no projeto; e da compreensão das relações envolvidas ao se implementar as ações.

### **Análise e discussão dos resultados**

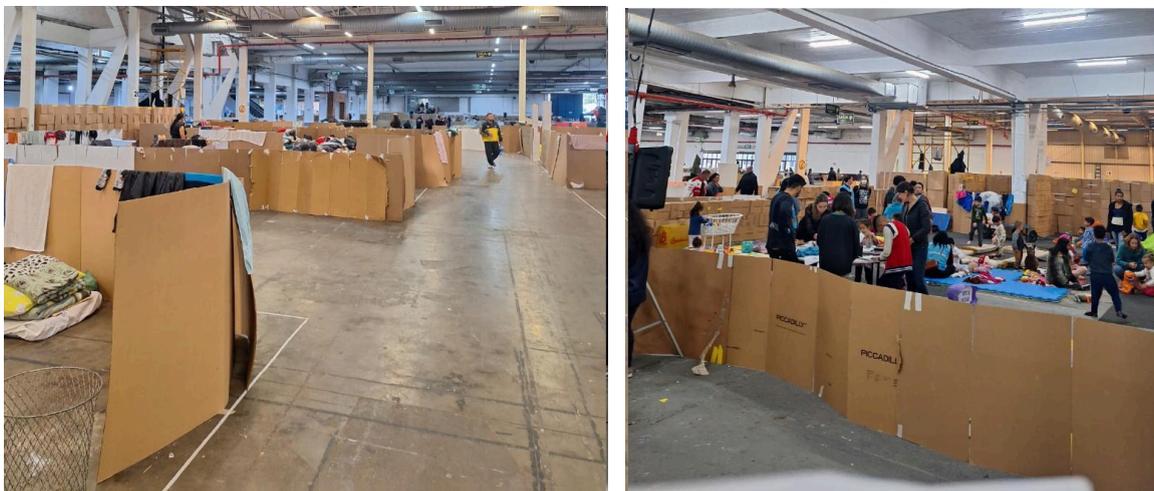
Com base nas experiências vividas durante a atuação voluntária nos abrigos, os resultados foram divididos em duas categorias, sendo elas: a) aspectos da organização, dos espaços e da logística no ambiente da FENAC e, b) busca ativa das pessoas com deficiência nos abrigos.

## Aspectos da organização, dos espaços e da logística no ambiente da FENAC

Dos abrigos visitados, o ambiente da FENAC nos chamou especial atenção devido à organização e logística que foi desenvolvida pelos voluntários. Ao levarmos as roupas arrecadadas para a FENAC (maior abrigo disponibilizado pelo município de Novo Hamburgo), nos deparamos com montanhas de roupas doadas pelas pessoas que não haviam sido atingidas, assim como e, principalmente, pelas doações que vinham de diversos estados brasileiros. Observamos que a maioria dos donativos de roupas, cobertores e comida era destinada para a FENAC, que também absorveu o maior número de desabrigados (aproximadamente 3 mil pessoas nas primeiras 3 semanas), além de inúmeros animais de estimação.

O andar térreo dos pavilhões era ocupado pelos alojamentos das famílias desabrigadas. Com o objetivo de gerar um pouco de privacidade, foram utilizadas divisórias de papelão, como pode ser observado na Figura 1. Esta divisão também favorecia a distribuição de marmitas e de outros insumos, já que a organização se dava em uma espécie de “lote” por famílias.

**Figura 1** – Divisórias de papelão para separação das famílias e espaço de recreação



Fonte: Autoras, 2024

Na parte superior, eram armazenados os donativos (roupas, cobertores e alimentos), que chegavam a todo momento dos mais diversos locais do Brasil. Contudo, devido às frequentes trocas de turnos dos voluntários e à falta de experiência, tornava-se

difícil estabelecer uma organização dos processos em termos de logística. No estudo de Silva, Carvalho e Carvalho (2016), que retratou a atuação em um desastre ocorrido em uma cidade do Rio Grande do Norte, os autores observaram diversos aspectos muito semelhantes aos observados no RS, como:

[...] o despreparo, a falta de organização e de planejamento, a falta de integração interinstitucional e a ineficiência governamental na gestão dos desastres, induzindo os membros da comunidade a agirem sem a qualificação necessária, embora solidariamente, podendo fragilizar o sistema global de gerenciamento de riscos de desastres (Silva; Carvalho; Carvalho, 2016, p. 9).

Sacolas plásticas doadas foram essenciais no processo de organização das roupas, pois eram acondicionadas em kits específicos conforme tamanhos. No entanto, quando as sacolas se esgotaram, indústrias calçadistas da região passaram a disponibilizar caixas de papelão para armazenar as roupas e deixá-las disponíveis para visualização. Depois de organizado este espaço, os voluntários o denominaram de “rouparia”. Na Figura 2a é possível visualizar as roupas recém doadas; a Figura 2b ilustra as roupas separadas em saquinhos plásticos por sexo, idade e tamanho; e na Figura 2c é possível observar as roupas dispostas em caixas conforme tamanho e tipo.

**Figura 2 – Organização das roupas doadas**

Figura 2a



Figura 2b



Figura 2c



Fonte: Autores, 2024

Uma das pesquisadoras voluntárias esteve presente na FENAC ainda nos primeiros dias da calamidade, em um momento em que ainda não havia uma organização do trabalho instituída. Os voluntários chegavam em grandes grupos e havia necessidades de toda ordem, sem que houvesse clareza sobre a alocação desses voluntários para as atividades em que poderiam ser úteis. Neste sentido, Hollnagel (2011), expõe que um sistema é resiliente na medida em que ajusta o seu funcionamento antes, durante ou após eventos (mudanças, distúrbios e oportunidades) e assim, sustenta as operações necessárias sob condições esperadas e inesperadas. Para introduzir uma mínima organização em meio a esse caos, buscou-se como estratégia a organização do trabalho a partir da visão macroergonômica, que tem como premissa uma visão sistêmica, integrada e participativa.

Além da organização do trabalho em equipes, a separação das roupas foi setorizada, o que fez com que as tarefas começassem a fluir melhor. Cada equipe de trabalho atuava em setores (chamadas de Masculino, Feminino e Infantil). Cada setor tinha a sua linha de produção/separação/distribuição bem definida. Após a separação em linhas, as roupas foram separadas em kits, também por tamanho. O ambiente da FENAC recebia a maioria das doações advindas de muitos lugares do Brasil e do exterior, portanto, os kits separados pelos voluntários eram distribuídos para outros abrigos. Portanto, a última etapa foi a organização das roupas conforme demandas das pessoas/famílias que vinham buscar no local.

Outro aspecto estratégico que foi importante em termos de distribuição de tarefas e responsabilidades das equipes que estavam atuando na separação/distribuição de roupas, foi a atribuição do papel de liderança em cada setor. Isso, embora tenha ocorrido de modo informal, foi muito importante, uma vez que em situações de dúvidas e necessidade de ajustes, o papel dessa liderança foi imprescindível, pois as informações se perdiam ao longo da jornada, já que a cada turno, novos voluntários chegavam e outros saíam. Dessa forma, mesmo que de modo informal, todos sabiam com quem esclarecer suas dúvidas. A partir do exposto, pode-se inferir que a visão sistêmica foi imprescindível para o mínimo de organização e melhor aproveitamento das equipes de trabalho.

## **Busca ativa pelas pessoas com deficiência nos abrigos**

O público com o qual estávamos mais preocupados, eram as Pessoas com Deficiência (PcD), que é o público que integra o grupo de colaboradores das pesquisas e do projeto de extensão dos autores. Após visitar três abrigos, a primeira PcD que encontramos foi um jovem rapaz usuário de cadeira de rodas, já conhecido do grupo de pesquisa. O relato expresso no diário de campo de uma das pesquisadoras descreve: “Conversamos com ele, perguntando como estava e se precisava de alguma coisa. Ele pareceu um pouco constrangido, mas quando perguntamos se ele precisava de fraldas, ele disse que sim.” Uma das pesquisadoras rapidamente saiu para adquirir as fraldas. Já no abrigo da FENAC encontramos um senhor que estava em cadeira de rodas, em razão da amputação de sua perna direita. Iniciamos a conversa com ele e dentre seus relatos mencionou que:

[...] não consegui sair com muita coisa de casa, pois teve que sair às pressas da Vila Palmeira (uma das mais atingidas em Novo Hamburgo). Disse que tinha recebido há pouco tempo uma cadeira de rodas motorizada (doação), mas que ela estava sem bateria, então não tinha chegado a usá-la. Ele disse que havia comprado uma bateria, mas que não teve a oportunidade de colocá-la na cadeira. (Recorte do diário de campo).

No abrigo do Ginásio de Esportes do Parque do Trabalhador, encontramos várias PcD física, entre elas um senhor com o membro inferior direito amputado e diabético. Nas narrativas dele, mencionou que estava há 20 dias sem se movimentar pois não se sentia seguro sem o seu andador que havia perdido na enchente. Uma das pesquisadoras se prontificou a conseguir um andador e orientou que os familiares o auxiliassem a caminhar e se movimentar, pois corria o risco de ter dificuldades circulatórias mais graves em função do sedentarismo associado ao diabetes. A necessidade de andador foi comunicada nos grupos de mensagens e no dia seguinte, o andador foi entregue ao senhor. Neste caso, o que impressionou foi a rede de auxílio que se formou, pois o andador veio de outra cidade da região, tendo sido doado por uma pessoa que havia se reabilitado de um problema motor, este encaminhou o andador para uma padaria na periferia da cidade de Novo Hamburgo, possibilitando a entrega rápida para quem precisava.

A resiliência e o desejo de retornar ao lar também estavam expressos nos relatos dos desabrigados. Encontramos uma senhora que estava numa cadeira de rodas. “Ela fez questão de enfatizar que, quando pudesse, voltaria para sua casinha. Disse que morava sozinha e que gostaria de continuar morando sozinha em sua casa, pois sabia se virar bem. Mencionou diversas vezes que não queria estar ali no abrigo” (Recorte do diário de campo).

Outro senhor que encontramos em um dos abrigos disse que estava muito revoltado, pois tudo que queria na vida era caminhar de novo e trabalhar como motorista - o que foi seu trabalho a vida toda. Este senhor se encontrava há pouco tempo na condição de usuário de cadeira de rodas (aproximadamente 5 meses), em função de problemas decorrentes de uma cirurgia na coluna. Após longa conversa, percebemos aos poucos a amenização das expressões de revolta. A sobrinha e seus 2 filhos (estava grávida do terceiro) eram os acompanhantes desse senhor. Estavam todos desalojados e tiveram que sair às pressas de sua casa. Em termos de auxílio para ressocialização e para melhor aceitação da limitação física e condição de estar atrelado a uma cadeira de rodas, encaminhamos este senhor à LEME - Associação de Lesados Medulares do RS. Após um primeiro contato, o encaminhamento foi realizado via assistente social da LEME, que foi contatada para efetivar a inclusão dele como associado.

Neste contexto, trouxemos somente alguns exemplos do que foi vivenciado, mas as experiências foram inúmeras, assim como as ações foram as mais inusitadas e de natureza diversa. As ações incluíram desde a limpeza de banheiros, varrição de corredores, separação de roupas, auxílio na alimentação para cachorros e gatos, cuidar de crianças, dar suporte emocional ao ouvir as narrativas e desabafos dos desabrigados e realizar encaminhamentos para profissionais de diversas áreas.

## **Conclusão**

As experiências pelas quais passamos ficarão gravadas para sempre em nossas memórias, não somente como lembranças tristes, mas também, como aprendizagem em relação à importância de atuarmos, cada vez mais, na diminuição dos impactos sobre o nosso planeta, na atenção às pessoas que integram grupos minorizados, e ainda, no

desenvolvimento de sistemas resilientes que auxiliem nos desastres que ainda estão por vir.

O uso dos princípios da macroergonomia e da engenharia da resiliência, foram imprescindíveis para a organização das equipes de voluntários e do trabalho em si. Além disso, a partir da visão da ergonomia comunitária, com atuação direta de diversos atores sociais (voluntários), foram promovidas soluções que exigiam imediatismo e resiliência, a fim de salvar vidas e promover a inclusão social dos desabrigados.

Por fim, pode-se dizer que a calamidade deixou muitas e profundas impressões em todo o povo gaúcho, tanto para quem foi afetado pelos alagamentos e perdeu tudo e/ou quase tudo, quanto por quem foi voluntário e pode ajudar, socorrer quem precisava. Aprendemos muito com o sofrimento, a perda e a resiliência dos sobreviventes. Enquanto integrantes de um grupo de pesquisa e de extensão, entendemos quanto foi relevante e quanto temos orgulho de integramos uma universidade comunitária, que tem como premissa atender as demandas da comunidade. Isso integra de forma profunda e contundente a relação ensino/aprendizagem.

## Referências

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS - CNM. *Novo balanço do Rio Grande Sul aponta R\$ 4,6 bilhões de prejuízos em moradias e 735,5 mil pessoas desalojadas ou desabrigadas*. 2024. Disponível em: <https://cnm.org.br/comunicacao/noticias/novo-balanco-das-chuvas-no-rio-grande-sul-aponta-r-4-6-bilhoes-de-prejuizos-em-moradias>. Acesso em: 11 jun. 2024.

CHAGAS, G. *et al.* *População em abrigos no RS formaria cidade do tamanho de Venâncio Aires, uma das mais atingidas por cheia*. G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/23/populacao-em-abrigos-no-rs-formaria-cidade-do-tamanho-de-venancio-aires-uma-das-mais-atingidas-por-cheia-veja-dados.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2024.

INTERNATIONAL ERGONOMICS ASSOCIATION. *What Is Ergonomics (HFE)?* 2020. Disponível em: <https://iea.cc/about/what-is-ergonomics/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

MINAYO, M. C. de S.. *et al.* Métodos, técnicas e relações em triangulação. *In:*

MINAYO, M. C. de S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.) *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. 1. reimp. Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2005. p.244.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 1. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2014. p.407.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, v.17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Acesso em: 01 jun. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. *Cumprindo a promessa: Relatório Anual 2023*. Nairóbi, Quênia: ONU, 2023. Disponível em: <https://www.unep.org/annualreport/pt-br/2023?%2F>. Acesso em: 05 jun. 2024.

RESILIENCE ENGINEERING ASSOCIATION. *Welcome to Resilience Engineering Association*. MINES ParisTech – Centre de Recherche sur les Risques et la Sécurité (CRC), France: Resilience Engineering Association, 2023. Disponível em: <https://www.resilience-engineering-association.org/>. Acesso em 05 jun. 2024.

SILVA, J. C. S. da; CARVALHO, R. J. M. de; CARVALHO, P. V. R. de. *Engenharia de resiliência e ergonomia comunitária na gestão de desastres: as ações de solidariedade no desastre de mãe luiza*. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 36., João Pessoa, 2016. *Anais [...]*. João Pessoa: Associação Brasileira de Engenharia de Produção, 2016.

TEIXEIRA, J. M. *Céu, Sol, Sul, Terra e Cor*. Querência, 1978.